

Lívia Aquino > **Uma língua fala, o corpo inteiro labuta //  
Um relato e alguns resíduos**

### Resumo

Narrativa de processo da performance “Uma língua fala, o corpo inteiro labuta”, na qual a artista realiza a leitura do livro “A metamorfose”, de Franz Kafka. O trabalho foi apresentado na exposição “Sala de Leitura”<sup>1</sup>, no Sesc São Carlos, em 2017. O artigo apresenta o contexto de produção dessa ação, alguns de seus disparadores conceituais e afetivos, os desdobramentos nos distintos espaços da exposição e da publicação, um relato da experiência e dos resíduos gerados.

**Palavras-chave:** Processo de trabalho. Performance. Leitura. Registro. Resíduo.

### Abstract

Accounting of the creation process of the performance ‘A tongue speaks, a whole body labors’ [“Uma língua fala, o corpo inteiro labuta”], in which the artist reads Franz Kafka’s ‘Metamorphosis’. The essay presents the context in which the action was produced, some of the conceptual and affective triggers for the performance, the unfolding events in the different space of the exhibition and the publication, an account of the experience and of the residues produced.

**Keywords:** Creative process. Performance. Reading. Documentation. Residue.

> Lívia Aquino (Fortaleza, 1971) é pesquisadora do campo das artes visuais, professora e artista. Doutora em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente é coordenadora da Pós-graduação em Fotografia e professora da Pós-graduação em Práticas Artísticas Contemporâneas da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP). Participou de exposições na Oficina Cultural Oswald de Andrade, no Centro Cultural São Paulo, no Museu de Arte de Ribeirão Preto e no Sesc São Carlos. Vive e trabalha em São Paulo.

## Contextura

A performance “Uma língua fala, o corpo inteiro labuta” consiste na leitura em voz alta do conto “A metamorfose”<sup>2</sup>, de Franz Kafka. No cenário para esta ação: a artista, uma cadeira, uma mesa e um livro sobre esta. O público é convidado à escuta. A artista lê o livro do início ao fim, sem parar. As folhas do livro são jogadas ao chão durante a leitura.

Compartilho uma possível narrativa do processo desse trabalho, suas intencionalidades, operações, desdobramentos, experiências, registros e resíduos.

## A partir do verbo

ler – tornar-se o texto		ocupar tempo com a palavra – escutar
ler – resistir		perceber – escutar
ler – assimilar		escrever – escutar
ler – memorizar		rabiscar – escutar
ler – ocupar		construir outro texto – escutar
ler – construir sentidos		implicar-se – escutar
ler – repetir		ocupar o espaço sonoro – escutar
ler – ser voz		ser resiliente – escutar
ler – criar imagens internas	ler	ouvir – escutar
ler – agir	→	gritar – escutar
ler – improvisar	←	encantar-se com algo – escutar
ler – deixar-se picar	ocupar	lembrar – escutar
ler – decifrar o dito	→	pertencer – escutar
ler – nomear	←	traduzir – escutar
ler – dar existência	escutar	tocar – escutar
ler – narrar		ter coragem – escutar
ler – cuidar de si		ser crítico – escutar
ler – perceber		acontecer em palavras – escutar
ler – ser político		confabular – escutar
ler – estar com o outro		transformar – escutar
ler – aliviar		olhar – escutar
ler – perder-se		provocar algo – escutar
ler – praticar a palavra		jogar – escutar
ler – desentender		fabular – escutar
ler – peregrinar no risco		exercitar o silêncio – escutar

1 Exposição “Sala de Leitura”. Curadoria de Galciani Neves. Artistas: Ana Mazzei, Antônio Ewbank, Elida Tessler, Enrico Rocha, Fabio Morais, Felipe Kaizer, Felipe Prando, Jimson Vilela, Jorge Menna Barreto, Livia Aquino, Mayana Redin, Mayra Redin, Marilá Dardot, Maura Grimaldi, Paulo Miyada. Sesc São Carlos, 4 de agosto a 26 de novembro de 2017.

2 KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Nova Época, sem data.  
Nota da artista: Apesar de essa edição ser amplamente criticada pela qualidade duvidosa da tradução, informo que, para este trabalho, somente ela é possível.

## Ler é no corpo

Ler para tornar a experiência equivalente à palavra. Acostumada estou a compreender o mundo primeiro por meio dos livros – gesto imutável transmitido a mim por via intravenosa.

Ler porque há livros que já foram lidos sem que seja necessário abri-los, pertencentes à categoria dos livros já lidos antes mesmo de terem sido escritos, como nos conta Italo Calvino em “Se um viajante numa noite de inverno”<sup>3</sup>.

Ler para dar sentido às escolhas realizadas na minha relação com o outro. Leio como forma de criar vínculos afetivos, leio para mim, leio para os meus filhos, leio para as alunas, leio para as visitantes das exposições. Leio esse texto com você, agora.

Ler para, quem sabe, nomear o que percebo do mundo.

Ler para que a palavra fique aderente ao corpo, para tornar-se um livro, como se livro fosse. Algo como os personagens de “Fahrenheit 451”<sup>4</sup>. Logo, ler de modo a viver dentro do texto, a ser palavra por um curto espaço de tempo.

Ler como um ato de resiliência diante das vezes que desistimos de algo. Ler um livro até o fim como uma forma de resistência.

Ler para sempre ser um começo. Ler porque toda leitura é única.

Ler para o outro, fazer-se ouvir por palavras, ideias, reflexões. Ler como um ato de troca, de participação. Ler para estar junto no mundo por um breve instante<sup>5</sup>.

Ler “Metamorfose” porque o conto é ao mesmo tempo um encontro e um conflito na minha trajetória, porque é na contradição deste cruzamento que busco potência para minhas práticas.

Ler para que a outra me toque com aquilo que ouve, escreve, desenha e percebe. Ler como um ato de partilha, de construção e também de desconstrução, de política.

Ler “Metamorfose” para ser intensidade ou quiçá viver a experiência do golpe glacial, sugerida por Kafka a um amigo: No fim das contas, penso que devemos ler somente livros que nos mordam e piquem. Se o livro que estamos lendo não nos sacode e acorda como um golpe no crânio, por que nos damos ao trabalho de lê-lo? Para que nos faça feliz, como diz você? Seríamos felizes da mesma forma se não tivéssemos livros. Livros que nos façam felizes, em caso de necessidade, poderíamos escrevê-los nós mesmos. Precisamos é de livros que nos atinjam como o pior dos infortúnios, como a morte de alguém que amamos mais do que a nós mesmos, que nos façam sentir como se tivéssemos sido banidos para a floresta, longe de qualquer presença humana, como um suicídio. Um livro tem de ser um machado para o mar gelado de dentro de nós<sup>6</sup>.

3 CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

4 BRADUBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Globo, 2003.

5 Cara leitora, leia em voz alta para outra pessoa. Na falta de alguém, entre em contato comigo.

6 MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Ler para estreitar o espaço entre mim, a outra e o texto. Ler porque é urgente estar junto com outros, outras, diferentes, diversos, múltiplos, distintos, várias, vários.

Ler e ocupar o espaço com a minha voz e com a palavra<sup>7</sup>.

Ler “Metamorfose” por ser minha primeira herança<sup>8</sup>, o livro que ganhei aos treze anos para ironicamente tentar compreender a transformação que viria pela frente – ao longo do tempo o li tantas vezes que sei vários trechos de cor. Ler porque ainda busco algo nessa leitura.

Ler e ocupar o espaço com distintos kafkas.

Ler para criar por meio das palavras imagens que nunca existirão.

Ler “Metamorfose” para a outra e esperar que novos textos e alguns resíduos possam acontecer no espaço destinado a essa ação.

Ler para que eu possa pronunciar palavra por palavra desse conto.

Ler para insurgir-se contra as insuficiências e as dores.

Ler para perceber a pertença e atuar com a vizinhança<sup>9</sup>.

Ler para “pensar com palavras, não com ideias”<sup>10</sup>.

Ler, assim, para exercitar a crítica.

Ler “Metamorfose” e deixar algum vestígio para a visitante que não ouviu, mas que ainda poderá perceber o rastro dessa experiência.

Ler para que eu ouça a chuva da tarde<sup>11</sup> embaralhada com a minha voz.

Ler para perceber o que é ser um tipo Gregor Samsa, ou um ser não desejado, repugnado, deixado de lado por todos nós. Ler para ser o outro, mesmo que o outro não seja o que mais desejo ser. Ler o incômodo de ser.

Ler, portanto, para aliviar a névoa da solidão<sup>12</sup>.

Ler para poder ir embora ou para deixar o outro ir.

Ler para ouvir minha própria voz e resistir ao risco de me tornar indiferente a esse outro que pode ser eu ou qualquer um.

Ler para o corpo tremer e não temer.

Ler para correr o perigo de errar a leitura, de repetir, de querer interpretar, de parar de ler, de fugir, de cometer suicídio.

Ler para não ser literatura. Ler para construir espaços como livros ou como palavras somente. Ler para destituir poderes.

Ler para reescrever. Ler para ressignificar. Ler para traduzir.

Ler para me perguntar, para perguntar à visitante “o que aconteceu?”, como Samsa diante de sua metamorfose: “Ao despertar pela manhã após ter tido sonhos agitados, Gregor Samsa encontrou-se em sua própria cama transformado num inseto gigantesco<sup>13</sup>”.

Ler para viver certa transformação por meio desse ato.

7 Cara leitora, volte atrás e inicie essa leitura em voz alta. Ouça esse som.

8 Cara leitora, escolha um livro como herança. Escolha uma forma para destruí-lo.

9 “Eu sou porque nós somos” #mariellepresente

10 SONTAG, Susan. **Diários II 1964-1980**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

11 Cara leitora, substitua o meu fenômeno meteorológico por outro de sua preferência.

12 CALVINO, Italo. **A trilha dos ninhos de aranha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

13 KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Nova Época, sem data.

**Instrução<sup>14</sup>**

Escolha um livro que seja um golpe de machado no seu crânio.  
 Dissecte esse objeto em partes.  
 Disponha-o sobre uma mesa mantendo sua forma.  
 Sente-se numa cadeira em frente a ele.  
 Prepare-se para ler palavra por palavra, sem parar.  
 Inicie a leitura em voz alta para que o som ocupe espaço.  
 Descarte no chão cada folha lida.  
 Encerre a última palavra e observe ao seu redor.  
 Levante-se e vá embora.

**A partir da ação, um relato e alguns resíduos**

“Uma língua fala, o corpo inteiro labuta” aconteceu uma única vez no contexto da exposição Sala de Leitura. A performance durou aproximadamente três horas e contou com um público que permaneceu até a última página ser lida.

Eu parti de uma experiência de leitura que venho resgatando na minha história. Ler em voz alta sempre foi um recurso para que eu pudesse compreender questões inicialmente afetivas, na vida familiar, e depois cognitivas, quando me tornei pesquisadora. Sempre que escrevo ou estudo preciso ouvir minha voz para entender melhor algo, para incorporar. Por isso, leio e repito muitas vezes um texto, um livro.

A escolha desse conto do Kafka não tem nenhuma relação com a literatura do autor. É parte de um recurso que meu pai se valia para conseguir se comunicar comigo. Sempre que algo importante acontecia, ele me dava um livro e, com isso, substituía a conversa sobre aquilo. Assim foi com “Metamorfose”, e parte da minha história que o acompanha criou marcas profundas em mim.

Para a performance, não houve ensaio ou treino. Apenas sentei na mesa com o desejo de ler o livro inteiro para quem estivesse ali por perto. Imaginei que as pessoas ficariam por alguns instantes, ouvindo partes e seguindo adiante. Acho potente essa imagem de alguém saindo do espaço expositivo levando consigo minha voz, como um eco, um resíduo.

Mas um pequeno grupo permaneceu presente ao longo de toda a leitura. A narrativa de algumas dessas pessoas que ficaram foi parte fundamental do meu entendimento de “Uma língua fala, o corpo inteiro labuta”. Uma me contou que pensou em ficar por um momento, saiu e precisou retornar, pois não conseguia seguir com outra atividade. Outra, ao ser interpelada pela equipe da exposição para sentar-se em um lugar mais confortável, disse que daquele modo estava bom, não precisava me ver lendo, bastava ouvir minha voz. Outros me disseram que nunca tinham lido esse conto e pensaram que ali seria uma oportunidade para tal já que não são tão afeitos a ler sozinhos. Tais relatos me fizeram perceber a resiliência do outro como parte possível do trabalho, como eu havia descrito nos verbos.

Tive o cuidado de ler sem querer interpretar, ler ao meu

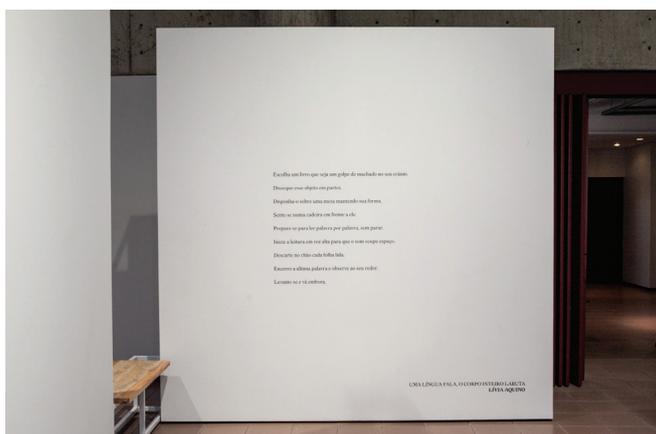
modo. Não é uma peça, não é um monólogo. Iniciei mais lenta, acelerei uma pequena parte, errei, chorei ao ler outra, cometi um ato falho na leitura, voltei a ler muito devagar quando percebi que estava acabando. Apesar da exaustão do corpo, de perceber a voz cansada, de ativar afetos diversos nesse processo, eu desejei que não terminasse. A intensidade da presença, a minha e a dos outros – o trabalho também é sobre isso.

A exposição foi montada no térreo do Sesc São Carlos, perto da recepção, da livraria, da comedoria e da brinquedoteca. Como é um ambiente aberto, minha leitura se misturou com as falas e os ruídos vindos desses outros lugares, gerando um emaranhado de sons com diferentes intensidades e presenças ao longo das três horas em que estive lendo. Ouso dizer que as palavras aconteceram no espaço, ganharam a materialidade da voz e foi isso que experimentei junto com as pessoas que me ouviam ou que geravam outros zunzuns. Não se trata, portanto, de somente escutar o conto ou qualquer texto em sua integralidade. É uma experiência de partilha que não se traduz em objetos, mas que, mesmo assim, acontece como matéria no espaço.

Uma questão importante para “Uma língua fala, o corpo inteiro labuta”, que antecedeu o dia da performance, foi sua construção para a publicação da exposição. Como pensá-lo no espaço da página? Desenhei uma instrução que poderia ser realizada por qualquer leitor e que não passasse necessariamente pela minha história com esse conto particular. Mas eu não gostaria que a proposição fosse descolada do contexto e parti do próprio Kafka para iniciar a primeira nota: escolha um livro que seja um golpe de machado no seu crânio. Como citei anteriormente, o autor escreve para um amigo sobre o que é a leitura de um livro para ele. Assim, escolho um golpe na minha própria cabeça e leio como ação. O meu é “Metamorfose”, mas compreendo que cada um tenha o seu próprio.

Os passos seguintes da instrução foram pensados a partir das ações que envolveriam a leitura no Sesc, desfazer-se da forma do livro para que, ao longo da performance, suas páginas ganhassem também outros espaços, como a voz. Quando comecei a dissecar o livro para a exposição, decidi golpeá-lo com um machado, marca que sobraria dessa ação nas páginas que ficariam espalhadas.

Como o golpe no livro, as folhas que permaneceram no chão são resíduos do trabalho. No dia da leitura algumas pessoas levaram páginas embora. Ao longo da exposição, alguma espectadora não identificada passou por lá, juntou-as e organizou-as em ordem numérica. Isso permaneceu na mesa por algum tempo. Dias depois todas desapareceram.



**Fig. 01 a 04:**  
Exposição Sala de  
Leitura: "Uma língua  
fala, o corpo inteiro  
labuta", 2017.  
Foto: Patrícia Araujo.

## Referências

- BRADUBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Globo, 2003.
- CALVINO, Italo. **A trilha dos ninhos de aranha**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Nova Época, sem data.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SONTAG, Susan. **Diários II 1964-1980**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.